

MÃE

Brida

Os lençóis não cobrem todo o corpo:
há buracos cerzidos, invisíveis,
pelos quais entra um vento de alfinetes.

Inútil superpor camadas de tecido
para atenuar o efeito perfurante:
nem mesmo cobertores vedariam
pontos invisíveis, como ducha
a percutir no frio da pele tensa.
Também inútil tentar ver tais furos
mesmo com requintes da ciência.

Ela sabe mais.

Não sabemos donde vem tanto saber.
Atordoa-nos, retira-nos do sono:
procuramos, em vão, em livros vários
entender o segredo do seu verbo.

Ela fala mais.

Quem fala, quem sabe a essa hora
em que toda ciência desmorona ?

Não carecemos de sabedoria:
precisamos de tintas, muitas cores

a escorregar no branco das paredes,
a salpicar de tons lençóis inúteis,
a tingir objetos incolores.

Precisamos de luzes, muitas luzes,
a iluminar essa sombra persistente
no palco em que atores estão postos
(esse zumbir perpetuado em nossas mentes).

Ela pode se calar.

Então, crescem segredos do seu ventre:
retira do seu corpo seus pertences
e os entrega a cada um,
cantando uma canção dolente.

Lá-lá-lá-lá, quem vem lá?
É ela. Sonhamos com seu rosto
sorridente.

Ela sorri nos sonhos, nos acena,
nos toma no seu colo,
inventa histórias, rimas,
cantigas estranhas, persistentes.

Seus olhos quais colméias —
inquietação e faina;
seus braços se distendem,
e o balbúcio amaina.

Lá-lá-lá-lá, quem vem lá?
É ela. Sonhamos com sua face

incandescente.

Como é seu nome ?

Como chamá-la, esfinge,
ou responder, se o desvairio
nos atinge ?

Ensina-nos a precariedade das respostas,
a matéria volátil de que são feitas rosas.

Lá-lá-lá-lá, quem vem lá?
E ela. Cada vez mais
evanescente.

Mas se não fosse ela,
há muito tempo,
restaríamos sem teto,
soltos, ao relento.

Ela arredonda os braços
e acolhe essa louca prole.
Se é impossível dormir a seu lado,
mais impossível abandonar o fado:
essa rota de abismos
que nos recolhe

e nos reverte
ao momento da semente.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/mae-19>